

O rejuvenescimento de uma velha instituição – a Sociedade Martins Sarmiento

J. Santos Simões*

Resumo

Com este artigo pretende dar-se uma panorâmica geral sobre as actividades da Sociedade Martins Sarmiento nos últimos dez anos.

Abstract

In this article we give a general view about the activities of the Sociedade Martins Sarmiento in the last ten years.

* Direcção da Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães.

O rejuvenescimento de uma velha instituição – a Sociedade Martins Sarmento

1. Santos Simões*

Resumo

Com este artigo pretende-se analisar a intervenção realizada sobre as atividades da Sociedade Martins Sarmento nos últimos dez anos.

Palavras-chave

In this article we give a general view about the changes of the Sociedade Martins Sarmento in the last ten years.



Fig. 1. Planta do edifício da Sociedade Martins Sarmento.

* Doutor em Arquitetura, Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

A Sociedade Martins Sarmiento foi fundada em 1881 com o objectivo expresso de homenagear Francisco Martins Sarmiento.

As primeiras preocupações que nortearam os fundadores surgem claramente nos objectivos estatutários: promover a instrução no concelho de Guimarães. E se se tratava de colmatar uma gritante falha, quer no que dizia respeito ao combate ao analfabetismo, quer na formação de operários para uma indústria em expansão e modernização, o facto é que no horizonte estavam também preocupações na preparação dos estudantes para o ingresso na universidade.

Pode causar alguma admiração o facto de uma estratégia tão coerente de promoção cultural germinar numa cidade então sem quaisquer apoios ou estímulos em área tão importante. Mas se recordarmos que o principal mentor desta autêntica revolução foi José da Cunha Sampaio, com certeza que começamos a levantar uma ponta do véu. É que ele pertenceu à geração coimbrã da Sociedade do Raio onde pontificava Antero de quem se tornou amigo para o resto da vida. E Antero, quando afectado por algumas das suas crises, procurava junto de José e Alberto Sampaio, na Quinta de Santana sobranceira à cidade de Guimarães, o indispensável lenitivo.

Pois bem, uma das utopias germinadas em Coimbra pôde florir cerca de vinte anos depois com a Sociedade Martins Sarmiento.

Não cabe aqui, nem resumidamente, fazer a história dessa época. Registe-se que, complementarmente, a Biblioteca Pública de leitura domiciliária abriu as suas portas em 1885, bem como o Museu de Arqueologia, colocado no claustro quatrocentista de S. Domingos, com obras de adaptação inteiramente gizadas e custeadas pelo Sábio Patrono da nascente Instituição.

E a apoiar e promover o trabalho realizado, inicia-se em 1884 a publicação da Revista de Guimarães, órgão da Sociedade.

Se os primeiros anos não foram fáceis, a verdade é que a ténpera dos homens que puseram de pé tão importante associação, superou em menos de meia dúzia de anos as principais dificuldades.

Em 1908 é concluído o imponente corpo da fachada da sede, obra do arquitecto Marques da Silva com pinturas expressivas de Abel Cardoso.

E foi necessário esperar cerca de sessenta anos para substituir, por construção de raiz, o velho edifício que ligava o corpo da frente ao claustro do século XIV.

Os primeiros eufóricos anos, plenos de realizações, conseguiram manter uma chama assaz viva, mesmo após a proclamação da República. A grande crise surge cerca de 1913 com o desaparecimento do último dos fundadores, Domingos Leite de Castro. Os sete anos que se seguiram foram marcados por uma certa letargia que nem sequer a monarquia do Norte estimulou com as depredações que praticou na sede da Sociedade, que a “revolução do quartelão” escolheu para seu quartel general. Quase sete anos volvidos, a Sociedade retomou com segurança a sua actividade, reiniciando-se a publicação interrompida da Revista de Guimarães.

Datas marcantes foram: 1900 com a publicação do primeiro volume especial da Revista de Guimarães dedicado a Martins Sarmento, que morrera no ano anterior, do Centenário do Nascimento de Sarmento, em 1933, com a publicação dos “Dispersos”, a visita à Instituição de uma notável embaixada de investigadores e personalidades galegas e a colaboração da Sociedade no Centenário da Fundação da Nacionalidade (1940) com a edição de um número especial da Revista de Guimarães.

A inauguração do novo corpo do edifício da Sociedade, a meio da década de sessenta, não modificou a actividade da Instituição, pese embora a alteração física qualitativa das condições de funcionamento e atendimento que passaram a ser oferecidas.

A saída da Direcção do coronel Mário Cardoso, no início da década de setenta, depois de cerca de quatro décadas à frente da Instituição, marcou também o final de um período em que a Sociedade teve grande dificuldade em se abrir para o exterior.

Com os inevitáveis altos e baixos ao longo de mais de um século de existência, importa destacar que, para além da acção cultural possível dinamizada pela Sociedade, ela foi também o espaço que possibilitou um frutuoso trabalho de investigação, criando, ao mesmo tempo, as condições para, através da sua revista científica, possibilitar a difusão de inúmeros trabalhos de investigação de nacionais e estrangeiros.

Sem procurarmos ser exaustivos, recordamos apenas os vimaranenses: Francisco Martins Sarmento, João Gomes d’Oliveira Guimarães, Eduardo de Almeida, Alberto Vieira Braga, Mário Cardoso, António de Azevedo, A. L. de Carvalho, Domingos Leite de Castro, João Lopes de Faria, Alfredo Guimarães, João de Meira e Alberto Sampaio.

O presente trabalho, que visa focar de maneira sucinta o rejuvenescimento da Sociedade Martins Sarmento, reporta-se apenas a esta última década do século que está a terminar.

Em 1990, foi realizado um levantamento completo da situação em que então se encontrava a Sociedade Martins Sarmento.

Desde as condições físicas do edifício da Sede, às da Citânia de Briteiros, Castro de Sabroso e dos quatro sítios arqueológicos de que a Sociedade é proprietária em Barcelos, Marco de Canavezes, Bragança e Guarda. Simultaneamente, foram solicitadas a dois técnicos análises da situação dos nossos acervos bibliográfico e documental e também do espólio arqueológico.

Pese embora a tradicional falta de meios materiais, tornava-se indispensável conhecer a exacta situação da Sociedade nas diferentes vertentes para se poder gizar um plano de recuperação que se reputou, desde logo, inadiável.

Desde 1982 que a Assembleia Geral da Instituição tinha decidido autorizar a venda das propriedades rurais da Sociedade cujo rendimento era completamente insignificativo. E com todo cuidado foi feita a respectiva avaliação e iniciada a progressiva venda das mesmas cujo produto foi depositado em conta capital de que só estava (e está) autorizado movimentar os juros. E estes ainda se mantiveram vultosos durante um período de tempo que permitiu investir na recuperação e valorização da Sede, cinquenta e cinco mil contos.

Era inadiável proceder à recuperação de um imóvel que guarda um património cultural de valor incalculável também por ser único. As proporções enormes do edifício com telhados e caleiros imensos, janelas de grandes dimensões e todas em ferro, obriga a um constante trabalho de vigilância de forma a evitar a infiltração de água e humidades. Da situação em que se encontrava o edifício fala expressivamente a verba gasta.

No que à actividade cultural se refere, foi repensada a Revista de Guimarães, órgão científico da Sociedade, que passou a incluir, exclusivamente trabalhos científicos já que as notícias pormenorizadas da vida e actividade da Instituição passaram a ser coligidas e publicadas trimestralmente no Boletim da Sociedade Martins Sarmiento e que, com a edição do Boletim do primeiro trimestre de 1999, entra no seu décimo ano de publicação.

A contratação de uma Técnica Superior e de, em colaboração com a Câmara Municipal, ter sido possível contratar um Arqueólogo, propiciou um previsível salto qualitativo na defesa do património e uma inevitável animação cultural, quer quantitativa quer qualitativa.

O rosto mais visível desta actividade têm sido as sucessivas exposições que têm vindo a ser realizadas e que maioritariamente ofereceram ao público diferentes e variados aspectos dos nossos ricos acervos.

Ao mesmo tempo tem vindo a ser progressivamente informatizada (com inevitável lentidão por falta de meios materiais e humanos) a Biblioteca (PORBASE), Colecção de Gravuras, Colecção Etnográfica, protecção, arrumação e fichagem de colecções de centenas de fotografuras, zincografuras e material análogo.

Dada a falta de todo e qualquer apoio material (ou outro) por parte do Estado (o Ministério da Cultura nem sequer apoiou o programa elaborado para assinalar o primeiro centenário da Morte de Francisco Martins Sarmiento), desde 1994 que a Sociedade tem vindo a candidatar-se aos fundos comunitários. Viu aprovada a candidatura ao Sub-Programa C do PRONORTE “Centenário de Francisco Martins Sarmiento” que possibilitou uma recuperação (parcial) e valorização da Citânia de Briteiros. Em relação ao Castro de Sabroso, há anos persistentemente infestado de mimosas e giestas, a Sociedade conseguiu a colaboração da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro no sentido de se encontrar a forma mais eficaz de erradicação daquelas espécies vegetais. Também através do programa *Leader II* lográmos ver aceite a nossa candidatura a um desdobrável sobre *Briteiros e o seu envolvimento*, onde se promove turisticamente não só a Citânia de Briteiros e a região onde se encontra localizada, mas também se chama a atenção para o Castro de Sabroso e para o nosso Solar da Ponte, residência de Martins Sarmiento, em Briteiros, onde desejamos instalar o Museu de Cultura Castreja.

O esforço principal dos últimos três anos foi canalizado para a organização do Centenário de Martins Sarmiento e, nomeadamente, para o Congresso de

Proto-História Europeia e Exposições bio-biblio-iconográfica de Martins Sarmiento e da Arte Castreja. Paralelamente, e sem desfalecimentos, desde 1994 que lutamos por uma recuperação e valorização e promoção turística da Citânia de Briteiros, instalação no Solar da Ponte do Museu de Cultura Castreja, e modernização do Museu Martins Sarmiento.

Neste momento, temos pronta uma candidatura que visa concluir a intervenção feita na Citânia e, no caso de não conseguirmos qualquer apoio, avançarmos por nossa conta e risco na instalação do Museu de Cultura Castreja, agora que concluímos a recuperação da ruína do nosso Solar da Ponte e que, através do programa *Leader II*, vamos iniciar a recuperação do moinho de grão que há um século laborava para o Solar e proceder à valorização paisagística do Parque da antiga Casa de Sarmiento, em Briteiros.

Quanto aos nossos quatro sítios arqueológicos dispersos por outros tantos concelhos, foi feita às respectivas Câmaras Municipais uma proposta de assinatura de protocolos que visam, no essencial, garantir a preservação, valorização e promoção dos mesmos sítios, sem qualquer exigência nossa que não seja a de sermos informados das intervenções que forem feitas e da oferta de exemplares sobre estudos que eventualmente sobre os mesmos venham a ser publicados.

Registe-se também a intensa actividade editorial que, para além da publicação da Revista de Guimarães, tem incidido em obras de referência relacionadas com Guimarães ou investigadores vimaranenses. A mais recente iniciativa foi o lançamento das Obras Completas de Francisco Martins Sarmiento com a publicação de dois livros de inéditos que aguardavam há cem anos para serem editados: *Antiqua: Tradições e Contos Populares e Arqueologia*.

Mas, ao longo desta década, constituiu imagem de prestígio da Sociedade Martins Sarmiento o termos também assinalado os Centenários de Antero de Quintal, Alberto Sampaio (sesquicentenário), Alberto Vieira Braga, António Augusto da Silva Cardoso, Mozart, Roberto de Carvalho, Raul Xavier, Padre António Vieira, Nuno Simões, Foral outorgado a Guimarães pelo Conde D. Henrique, Partida de Vasco da Gama para a Índia e, no corrente ano, de José da Cunha Sampaio. Todos estes eventos foram, quase sempre, acompanhados de exposições e respectivos catálogos, congressos ou seminários.

E reflectindo sobre este passado e tendo em atenção o aparecimento de um crescente interesse pela investigação histórica, decidimos criar um Centro de História Local e, junto dele, um centro de digitalização e microfilmagem que responderá pelo registo de cerca de três milhões de páginas impressas e manuscritas.

Não se trata apenas de disponibilizar para a consulta documentos reservados, mas principalmente de salvar do desaparecimento, por degradação acelerada, a maior parte da imprensa periódica do século XIX.

E a concluir seja-me permitido recordar que a SMS é uma associação privada de utilidade pública, que não é apoiada pelo Estado, pese embora ter à sua responsabilidade dois monumentos nacionais, ser detentora de um património cultural de valor incalculável e prestar importante serviço público. Recorde-se ainda que a associação se encontra numa pequena cidade da periferia, a 350 quilómetros de Lisboa.